

# A ACTUALIDADE

Mattos  
Rua Grande

Anno I

Directores--Luiz Carvalho e Henrique Fernandes

Numero 6

matras para a capital  
200 rs. por trimestre

Maranhão, 10 de outubro de 1900

Assignaturas para o interior  
3\$000 por trimestre

"Actualidade" sahirá nos dias  
20 e 30 de cada mez.

Redacção e administração, Con-  
sório de S. João, á rua da Paz.

## A ACTUALIDADE

### ESCREVENDO...

O jornalismo entre nós for considerado, deve ser, o fiel interprete da pureza linguagem, havemos de concordar: ou o nosso bello idioma não foi hem escrito eado por aquelles que a posteridade an- deu-lhes a deificação de puristas; ou elle tem passado por uma transformação radical. Com effeito, si comparar-mos a guagem dos valentes campeadores da a lingua a da maioria dos nossos escri- hodiernos, vemos que estão em com- antagonismo no que diz respeito á pu- de expressão. Ora, si todos elles não es- de acordo numa questão que não admit- ntroversias como é a de pureza de lin- gem, segue-se que estes ou aquelles er- e, neste caso, por quem devemos optar? aquelles cuja reputação litteraria já adabate o cincento annos e a despeite mo de algum juizo desautorizado; ou por n mal habucia nossa lingua e que não outro fóro de *litterato* si não o de haver licado alguns escritos que são infeliz- te a *espinha de garçanta* da mocidade idiosa? A resposta é clara como a luz idiana, a não ser que se tente como lei lho mais importante de uma lingua— formas, seus principios fundamentaes a absurdo dizer-se que a lingua portu- za tende passar por transformações, por- as progressivas evoluções litterarias po- i modificar alguma cousa de uma lingua si perfeita, nunca, porem, tocar-lhe na meia, ou naquillo de que depende sua feição ou desmoronamento. E por ven- a não violar estas leis, estas formas, elle que se afasta do caminho traçado os nossos mestres? Antes, porem, de ntar algumas dessas formas de lingua a erronea que quasi todos os dias vemos mpadas na nossa imprensa, convem a ponderação, e, é, que com estes artigos e tenho publicado em prol da nossa lin- i nunca foi meu fito escrever um tratado linguistica, filologia ou outra peça scien- ca—não. Porque a falar verdade tambem um daquelles que muito precisam ainda lições para discertar acerca de um as- nto tão difficil e importante como este— ngua portugueza. Talvez me perguntem: nada sabes de portuguez, porque é que breves acerca de seu correctismo? Res- derei: Semente pelo amor que dedico á peza de nossa lingua e é tal que vou re- duzir pela imprensa algumas lições de rtuguez publicadas já por alguns dos me- ores mestres actuaes. Portanto vou repro- zil-as, vou leibrá-las para ver se assim quirimós mais um pouco daquelle lustre

litterario tão glorificado, tão presado pelos Vieiras, Aloncares, Figueiredos e outros.

Principiemos. E' raro o jornal em que não se lêm estas palavras: *esteve entre nós o nosso amigo... comprimentamol-o*, quan- do *comprimentar* nunca se disse em bom portuguez *comprimentar* é que é. Ha pou- cos dias lendó eu um dos melhores jornaes desta cidade se me deparou um artigo as- signado por um dos escriptores mais lidos do nosso centro que assim principiava: *Ha dias deparei com um artigo firmado.*

...quando *deparar com*, nunca disse quem se preza de falar e escrever o portuguez; *si me deparar* isto ou aquillo, sim.

Contiuaarei.

Ulyses Tabajára.

## A cruz de Helena

Começava o mez de dezembro de 189... Passava eu, numa pinturesca povoação, si- tuada á margem esquerda do rio P..., as fe- rias do ultimo anno do meu curso de pre- paratorios. E quasi todos os dias eu, e o velho Izae, de carabinas ao hombro e car- tucheiras á cinta, saiamos pelos mattos em busca dos saborosos papagaios que abunda- vam nesse lugar. Uma vez caçavamos pela margem do rio. Era mais de meio dia e já

Um caminhada peçosa por veredas escã- brosas e sob um sol abrasador nos fatigára sobremodo e era preciso descançarmos um pouco.

Um juazeiro de espessa folhagem verde nos deu abrigo.

Cortámos algumas braçadas de ramos frescos e sobre esta cama selvagem, mas agradável, nos estendemos satisfeitos, tra- vando logo uma conversação animada acer- ca das caças. Já nos dispunhamos sair quan- to ao longo de uma pequena varzea verde- jante que se estendia a uns vinte metros de nós, se me deparou uma cruz velha de ma- deira já corroida peb tempo. Quem estaria ali enterrado?—perguntei ao meu compa- nheiro.—Triste e muito triste é a historia daquella cruz, disse-me o velho.

Mostrei-me interessado de ouvil-o e Izae, depois de acender o caximbo, seu velho cinseparava companheiro e a atirar ao ar uma espessa borrada de fumo—princi- piou: Pôdi no me das flores, nesse tempo delicioso em que se respira o ambiente per- fumado dos verçeis e das campinas, que vi pela primeira vez a formosa Helena. Ella era muy joven ainda, contava apenas dez annos e foi uma das meninas mais gentis que tẽ- nho visto: altira mediana e elegante em extremo, revlava um todo perfeito: *seu cabelo preto é abundante fazia realçar a brancura rosa de suas faces; os olhos negros como açriche eram vivos e expressi- vos—a verdadeira expressão ingenua de uns olhos de creança*; maneiras delicadas e agradaveis (sobre tudo, dotada de um co- ração verdadeiramente christão. A caridade era uma da virtudes que ella mais prati- cava. Filha de pais ricos e bons, levava uma vida alegre e prenhe de felicidades. Oh!

quantas vezes não a vi no caramanchão de sua casa, cercada de crianças pobres—seus assíduos companheiros?! Seu predilecto brinquedo profano era o passeio fluvial e para isto sei pai havia mandado construir um batel que recebera do parcho da fre- guezia, mediante o benzimento, o nome de «Gaivotas». E quasi todas as tardes, quando os moradores das margens do rio avistavam ao longe a embarcação, cujo mastro era en- cimaado por um estandarte alvissimo da cor immaculada dos krios brancos campezinos, em forma triangular, diziam alegres: lá vem a «Gaivotas» e tra Helena. Alegres, sim, porque ella era o aijo consolador daquelles lugares. Para o rico e civilisado, ella tinha sempre a delicadeza, a afabilidade e lhane- zas aristocraticas e pra o pobre, alem dis- to, tinha a esmola que sempre escorrega- va de sua caridosa mão. Decorreram al- guns annos e uma taiz passeava eu pelas ribanceiras do rio. Era tempo de calma; en- tretanto; uma briza fresca agitava levemente a superficie das aguas. Inda me lembro como si fosse hoje: era allissimo o pano- rama que se desenrolava á vista; ao longe muito ao longe, para o lado do sul avista- vam-se os cumes dos monts da S... doira- dos pelos ultimos raios de sol; aqui eram *razantes* da planta do tabac, que se esten- diam floridas pelas margens do rio; acollá numa eroa um bando de ave aquaticas, que soltando gritos estridentes decloravam com o bico o liquido espelho myedico; alem numa volta que fazia o rio pontará uma pequena embarcação de velas a vento, que conheci ser a de Helena, e a brza se trans- formava numa forte viração. Pouco a pouco nuvens negras se levantam no nascente e o ceu começa a toldar-se mostrando um as- pecto sombrio—prenuncio de aguaceiro. E a «Gaivotas» que momentos antes desliza- va docemente por sobre as aguas já começa a encontrar resistencia no turbillão das va- gas. Cai a tempestade e um rijo *resfregão enche de supelão a fragil vela que fraca oscila ao peso do vento*. Debalde o homem do leme tenta fazer uma manobra que o sal- ve. Os fortissimos empuchões do aguaceiro desnorream o batel e o me partindo-se desee nas aguas e a «Gaivotas» dá a banda e vai a pique.

Ouvem-se alguns gritos de dor, e dahi a pouco tres pessoas galgam a ribanceira do outro lado do rio—salvam-se. Mas ah! tres dias depois, duas leguas abaixo do lugar onde deu-se esta catastrophe, sepultava-se um cadaver de mulher já em estado de pu- trefacção; era o da formosa Helena, que alli foi enterrado, e, a desolação e a dor e as la- grimas a par de uma saudade infinda foram o tributo que pagaram todos que conhe- ram Helena o aijo consolador daque- lles lugares. E é por isso que ainda hoje vejo ao longe uma embarcação de fumadas me lembro de Helena como uma Santa deixando apó me de suas virtudes. Que Deus

Olhei para o velho e vi des- pelas faces macilentas duas sas—tributo dos corações que vieram misturar-se, a que gotejavam de sua fro-

Esmeré

Romance de beijos.

A Lucrecia Acelino

Do primeiro beijo eu me lembro pouco.  
Eramos crianças.  
Cantavam os rouxinoes namorando a aurora; saltavam nos vallados as borboletas d'ouro.  
Com um riso de criança a alvorada vinha saudando a d'oa a cabelleira fulva.  
Murmurejavam, segredando, as aguas dos riachos; languidas, morosas, as flores desbrochavam.  
Eramos crianças ainda... eu me lembro pouco...  
Brincavamos sosinhos á beira de uma fonte. Vinham de longe as primeiras balladas dos camponezes. Desciam pelos cerros vagarosamente malhadas de bois em procura dos campos.  
Nanah encostou-se cançada nos meus hombros.  
Ahi trocamos o primeiro beijo.  
Tudo passou-se, nada mais me lembro.  
E o beijo para onde foi onde escondeu-se que não o vi mais?  
Ah! era de crianças; era innocente... talvez algum anjo o tivesse guardado.

Viviamos contandolhas tardes os dias que se iam. Pensavamos nos vindouros tempos que chegavam.

Eramos noivos.  
Debaixo dos tamarindeiros do terreiro, laçados de risos, rtes de illuzões, iam relendo as folhas do passado em cada raio de sol que se suria e procuravamos o futuro dos nossos snhos na luz de leite do mar que vinha. Cada dia que chegava nos trazia a cor da aurora da nossa união sonhada.

Tudo nos snhia, as illuzões cresciam...  
Iaços pelo ar a sós. Nanah encostou-se novamente aos meus hombros. Dei-lhe o segundo beijo.  
Mas... não o tenho commigo... quem foi que o levou?  
Ah! era os noivos e um beijo de noivos não se perde.  
A ventur; levou-o pelas brumas do pasado.

Os rouxinoes cantavam chorosamente em cima do tamarindeiros. Preludiavam ao longe magoadam; te as patativas tristes.  
Psalmediavam os rinos tristemente. Choravam as frútas dos pastores rudes.  
Magoa em toda a aldeia, pianto em toda a gente.  
Nanah encostou-se pallida, languida, expirando nos meus hombros. Meus labios uniram-se-lhe á bocca fria estallando o terceiro beijo.  
Ah! mas esse ninguem o quiz, ninguem o veio pedir. Era de dor, ninguem o que não o tenho aqui na alma.  
Brejo, 11 de setembro de 1900.

Viriato Corrêa.

Brejo

... ao sagrado dever de alto das colunas deste veio clamar pelos bençãos mercedeiros...  
... do nosso Estado, pe-

dimos, imploramos mesmo, que deitem as suas vistas para esta desprotegida cidade e que sem preconceito politico algum deixem recahir sobre ella a protecção que lhe é devida. Em um artigo publicado em o numero 4 deste jornal e sobre a epigrapha acima, puzemos em relevo a necessidade que tem o Brejo de uma estação telegraphica, pedindo a representação de nosso Estado este beneficio; agora repetimos o mesmo pedido e com mais força, porque se até então tínhamos razão para isso, hoje essa mesma razão subio de ponto ao lermos os jornaes chegados de nossa capital os quaes dão a noticia da creação brevemente de uma estação telegraphica em Picos neste mesmo Estado. Ora, agora já não são somente as pequenas cidades, villas e povoações de outros Estados que nos levam vantagens, não; são as do nosso proprio Estado. E' vergonhoso para nós—os brejenses o facto de não possuir esta cidade (a terceira do Estado) um pequeno melhoramento, ao passo que são concedidos muitos a outras que occupam o sexto, oitavo e até o vigessimo lugar.

Só hoje nos foi dado saber que se tem verificado na capital do Ceará casos suspeitos da peste bubonica; Onze dias são passados desde que aquella aterrorisadora noticia alarmou a população da nossa capital e só hoje nos chegou ella!!!

E porque assim acontece? Porque não temos ainda a ventura de possuir uma linha telegraphica. Se houvesse facilidade em chegar aqui a terrivel peste nós seríamos, victimas de seus horrores irremediavelmente, porque enquanto o medico do lugar reconhecia a molestia e a municipalidade tomava precauções o terrivel morbus se alastraria, proprgar-se-hia, tomaria vulto e visitaria todas as casas desta infeliz cidade com o medonho espectro da morte. E tudo porque? Porque não temos telegrapho. Illustrados representantes do Maranhão: consigaís com vossas reaes influencias chegar ao Brejo a linha telegraphica, nos teréis prestado um relevantissimo serviço, deixando além disso vossos nomes gravados em nossos corações e immortalizados nos annaes da historia desta terra.

Brejo, 11 de setembro de 1900.

A. Caldas.

Thereza

Quando passas m mossa,  
O' pequenina flôr da minha aldeia!  
Gravando com os pesinhos cor de rosa  
Sonetos doces na suave areia,  
Enche-se o ar de beijos e perfumes,  
Cantam suspiros pelo azul do ar...  
Mordidas de ciúmes  
Curvam-se as rosas por te ver passar...  
Canta no gallo o palpitante ninho  
Banhado pela matutina luz;  
Os ramos do caminho  
Beijam-te os herabros nads!

E Deus enchendo a flôr de etherea graça  
Enche de aroma o ar,  
E, apaixonado, as nuvens adelgaça  
Para te ver passar...

E tu passas mimosa,  
O' casta e meiga flôr da minha aldeia!  
Gravando com os pesinhos cor de rosa  
Estrophes raras na areia...

Maria João Sobrinho.

IMPRESSÕES DA FESTA

Era noite, ess'hora de melancolia em que os nossos corações transbordam de saudades; ess'hora de nostalgia e de amores.

O velho bronze além... p'ras bandas do Oriente, bimbaliava e ao longe, muito ao longe, repercutia morosamente como que convidando os feis aos festejos do largo.

Era a ultima noite do noveanario e os eardos das saudades já feriam o meu triste coração, deixando-me uma impressão indizível de tão felizes momentos.

Se bem que essa impressão fosse um mixto de risos e lagrimas, tenho-a e conservarei-a-ei toda minha vida no adyto de minh'alma para, quando o destino me separar dessa por quem dou a minha vida inteira, dessa loira querida e divina, recordar-me o pasado suave, ainda que orvalhado de pranto.

Essa recordação, de dores é semelhante ao gorgeio ameno da avesinha que, enlevada no seu terno canto, vóa e revóa pipillando além, no ambiente azul, como que falando ás estrellas, porque na terra não se tem abrigo, não se encontra aquelle maná dulcissimo e sacrosanto que nos embalsama o coração.

Gosto de ouvir os passarinhos, porque elles sabem muitos segredos... e são tão ternos, tão meigos que nos delectam!

A saudade faz chorar e eu quero chorar, quando estiver lá... bem longe, em outra terra, tendo as reminiscencias daquelles instantes... mas que essa recordação seja como a que nesse momento me invade a alma apaixonada e triste, saudosa para o sempre, saudosa das noites, as felizes noites que já lá vão e que eternamente far-me-ão lembrar de tudo quanto passei, quanto soffri por te amar, creança loira, dilecta do meu coração.

Embora o tempo jamais conseguirá destruí-las, nem mesmo a morte, minha doce amada, porque:

«... Se minh'alma é eterna  
Eternamente ha de chorar por ti»

No entanto, querida, casto e terno enlevo de minhas aspirações, divina e formosa, tu que tens nos olhos a luz miúfica do brilhante rivalizando com a das estrellas, não te lembrarás de mim, ainda que por compaixão?

Sê misericordiosa!  
Sinto as lagrimas que me sóbem do coração aos olhos; não resisto mais e o unico consolo é ver-te enquanto a sorte permitir e já que falar-te não posso vou estudar os teus olhos: saber se me amas verdadeiramente ou se deveras correspondias áquelle que me tem por rival e que permanece lá... perto, bem perto de ti.

Antoninho.

JORNAES DA TERRA

Federalista:

Ha dias o seu material passou por uma correcta transformação e a sua actual impressão em nada é inferior ás dos outros jornaes da capital.

No dia 4 dedicou-se exclusivamente ao anniversario natalicio do exm. sr. senador dr. Benedicto Pereira Leite, cujo retrato foi estampado na pagina de honra desse jornal.

Ninguem ignora os numerosos serviços que aquelle exm.º sr. tem prestado á sua

terra natal, porque elles, um a um, palpitam em cada adiantamento do Maranhão.

A homenagem que lhe foi tributada pelo *Federalista*, é, pois, justa e merecida.

Não somos políticos e, portanto, podemos imparcialmente aquilatar o valor intellectual de cada pessoa, pertença ella a este ou aquelle partido.

Quando se trata d'um julgamento, de qualquer natureza que seja, devem desaparecer todas as considerações politicas.

Assim pensamos.

*Pacotilha:*

Durante a festa de S. Filomena trouxe invariavelmente as chronicas daquella festividade, ora firmadas por um pseudonimo, ora por outro.

Algumas foram feitas em francez-chapa, quando os seus autores deveriam traçal-as na nossa lingua que é tão rica e bella e que para todo escrito-elegante ou não, admiravelmente se presta.

Nenhuma dellas foi digna de substituir ás que outr'ora foram trabalhadas pelo espirito poetico dum Belmont, dum Lobo, etc.

Desculpem-nos estas expressões o sr. Rosalino e a sua digna companheira, pois sempre pensamos que se deve separar o joio do trigo.

A *Pacotilha* ainda continúa na discussão do *Caso do Bacanga*, sobre o qual mais tarde daremos a nossa opinião.

*Jornal da Manhã:*

Trouxe constantemente as chronicas da festa de N. S. dos Remedios, das quaes gostamos immensamente, não obstante constar-nos que ellas antecipadamente eram impressas, por isso que o seu autor não comparacia ao arraial dos festejos.

Emfim, verdadeira ou não, esteve optima.

*Diario do Maranhão:*

Em folhetins, publica actualmente o apreziado romance de Hector Malot, *A Seducção*.

Tem dado algumas noticias importantes e variada secção de annuncios.

*Os Novos:*

A impressão do numero 3.º desse periodico, sahido a 25 de Setembro e que só a 6 do corrente veio ás nossas mãos, é melhor e mais intelligivel que a dos numeros anteriores, isto devido, como nos disse um dos operarios, acharem-se as caldeiras da officina atochadas de carvão de pedra a arder.

Do jornalzinho fizemos a leitura de cabo a rabo, ora encontrando errinhos grammaticaes, ora imagens estravagantes, ora palavras deslocadas, etc.

Dos escritos os que mais nós provocaram risos foram as *Farpas do Tizana* (*Chiquinho Serra*) e a celebre *Chroniqueta*, do *Vendaval* (*Octavio Galeão*), na qual o chronista, chronicando, chronica chronicas chronicadas.

Felizmente o periodicosinho não nos trouxe descrições de festas porque os operarios, especialmente a exm.ª sr.ª d. operaria Liselotte, comprehenderam a liçõesinha que lhes dêmos.

O Octavio, Deus louvado, voltou ao seu programma, procedimento este que muito nos honra, pois demonstra que o chronista chronicador comprehendeu que na *chroniqueta* não se chronicava festas chronicadas e nem narinas vermelhas como brazas.

Nas *Farpas*, o *Chiquinho*, farpejando, prova que não entende o que se lhe põe ante aos olhos.

Damos razão ao *pobre Chiquinho* porque, cobiçado por os... na Bibliotheca, e... cabeça em balanço. E a tal ponto chegou a coisa

que o farpejador confunde luar alvissimo com lagrimas brancas; silencio com o hymnario do povo, a morte com a vida, etc.

Para licrar... porém, das ferradas do *Bregeiro*, o homenzinho diz que o Luiz Carvalho verseja magnificamente. E... lá vem a confusão de Luiz Carvalho com... versos!

Oh é muita ingenuidade, ou pouca comprehensão.

Pelo seu lado, o Octaviosinho implicou com o Gremio.

Alguem já nos explicou a causa de tal implicação:—o rapazinho de lá foi eliminado dias depois de ser acceto como socio, e... nada mais nos acrescentou esse alguem.

Como o Chiquinho, vem elle falando em lagrimas brancas, pretendendo dizer que o qualificativo—*branca* é desnecessario em referencia á *lagrima*, porque toda a *lagrima*, (diz elle), é branca.

Conhecemos, no entanto, lagrimas negras e vermelhas: negras, num «conto» dum novato; vermelhas, na *Chroniqueta* passada.

Emburraram tambem os *novatos* com as nossas transcrições.

Damos preferencia (e quem a não dará?) aos escritos por nós transcritos, cuja leitura prende a attenção publica, á intoleravel *Chronica da Moda* que constantemente vem aporrinhando a paciencia dos que têm a *felicidade* de ler os *Novos*.

Condemnam-nos por isso. Entretanto consta-nos que elles vão, paladinhos, transcrevendo (com outras palavras) paginas de dictionarios encyclopedicos, sonetinhos, etc., e dão tudo como material genuino da gran officina.

«Não façam o que faço, mas o que ensinamos», é o que nos gritam os operarios.

Ave!

Nada mais poderemos acrescentar sobre os *novatos*, porque, se fossemos entrar em considerações e conselhos, teriamos que encher umas quatro columnas da *Actualidade*, o que não nos dávem.

A's Bregeirices, novalinhos d'agua doce.

*Pinzon Blóc.*

Vencido!

(A uma mulher)

Hoje, minha senhora, o vosso olhar fitando  
Evoca aquelle sonho, aquelle amor de outr'ora

E sinto dentro em mim um coração chorando  
Onde perennemente uma saudade mora.

E junto d'elle um outro, um outro que não chora,  
Sorri vendo o sandeu no peito doudejando  
E enquanto este—coitado! a piedade implora  
Aquelle—féro que é—do louco vai mofando.

Trava-se então a luta encarnçada, intensa  
Dum coração que ri e que não vos conhece  
Com outro que sentiu por vós paixão immensa.

Vence o quenão feriu o vosso olhar, senhora,  
E o outro, derrotado e recolhido em prece,  
Evoca aquelle sonho, aquelle amor de outr'ora.

1. vez não vos lambreis de quem doente andava  
Por ver-vos já de alguém e não de mim captiva,

Daquelle triste olhar que triste vos fazia  
Quando passaveis rindo e soberana e lívia.

Quanto a mim, senhora! inda a saudade aviva  
A dor cruenta e má que lenta me malava  
Se acaso eu ouço a fala outr'ora, outr'ora  
esquiva

Que dentro em mim vivia e na 'minha' alma  
estava.

Hoje somos irmãos na mesma dor. Prezinto  
No vosso olhar a triste e rude enfermidade  
Que no meu coração covardemente sinto.

Mas ai! corder em balde eu quero um só  
gemido

—Não possó! Ao coração que implora a  
piedade

E ao vosso olhar, senhora, eu rendo-me  
vencido!

Luiz Carvalho.

BREGEIRICES

Um operario escrevendo:

Os cyrios cresciam...  
alçando os ámbitos sagrados.

O operario preparava  
Velinhas de maniçoba  
Que cresciam aclarando  
Os erros da georoba.

O mesmo sr. no mesmo scritto:

Ella, b a Santa, mas  
a virgenão a Immaculada, mas peccad...  
la estava oando.

Virgem é a peccadora  
Que lá no templo decanta;  
Supplica a virgem senhora...  
—E' a virgem, não a Santa.

Ainda o Floro na mesma coisa

Todos passem, todos  
vem; só ella não cresce  
só ella meu bem...  
passa tambem.

Si fôr prosa está rimada  
Esta bella confusão;  
Poesia? está errada,  
Não tem metrificação.

E não sendo a historiasinha,  
Nem prosa, nem poesia,  
Concluamos qu'a coisinha  
Simplemente é porcaria.

Da celeberrima Chroniqueta:

Para rematar fazamos  
(quem fala é o Octavio)  
uma pernambucada  
ca dos dois periodicarios  
terarios que actual  
catupeiaram na vasta  
do jornalismo.

Quanto a «Os N...»  
disse-me elle estar...

vanecido; nada posso dizer em desabono.

Pois olha, Octavio, aqui por casa constou justamente o contrario. Alguem que corrija os escritos dos *Novos* ouvia a opiniao dum fluminense que nem de leve estabeleceu paralelo entre a *Actualidade* e os *Novos*. Guardamos silencio, no entanto, porque não temos a tua pretensão destunta. Demais, «elogio em bocca propria é vituperio».

Sê mais modesto e menos pretencioso, filho.

Do Astolfo Marques:

...Por isso deu-lhe, por zombaria, uma cachorrinha. Luiz pediu logo um papel, enrolou-a, atou com um cordão e... zás, no bolso.

Não era cachorra, Astolfo, Mas um pinto morto. Teirol E's Fabio Ewerton seando, Pois és igual ao primeiro.

Do Derossi, novo operario:

*Sahirão* neste tempo de hervinhas que pizam lindas borboletas e com seus engraçados patizes convidarão a atenção dos passageiros.

O Serra que vê aquelles *sahirão* e *convidão*, e esta *atenção* com dois *tt*, que nós, por nossa vez, perguntaremos ao *Derossi*—se as borboletas da Villa são gigantescas e se quando pisam as hervinhas ha estalos.

Elle foi á tal villa com o Lucindo; o Lucindo, pois, que nos decifre o inigma das lindas mariposas que convidão a atenção dos passageiros e que espesinham as hervinhas; do sol vermelho como camarão e dos passarinhos que falam, como os da «Mil e uma noites».

O Derossi deve ter mais cuidado na pontuação, nas imagens e na linguagem.

Ahi na officina, o amigo encontrará estylos de toa a natureza: desde o do Fabio Ewerton a do Braz de Soiza na sua *Disopressão*.

Estude mais um vocadinho e... volte.

Pela festa:

—Então, Octavio, como vaes das narinas?  
—Mal. Estão vermelhas e reverberantes como espelhos de Veneza.

Alguem que ia passando:  
Irra, porco!

O Junius anda tristonho  
E não tem desejos mais:  
—Ficon magro só dum sonho  
O maroto do rapaz.

O Tisana—que damnado!  
Quer traduzir neste mez,  
Um «Assobio encantado»  
Sem a sella do Marquez.

Porque alguns dos *novatinhos*  
Da folha evolucionista  
Não corrigem os errinhos  
Que de todos dão na vista!

Porque os pobres magarefes  
Que se apellidam *foneticos*  
OFFICINA com dois *f f*  
Escrevem? ai que caqueticos!

Rêsponda-nos quem quizer  
Ou quem julgal-os puder.

Bregeiro.

## Passaio matinal

(Ao Luiz Carvalho)

Domingo. Vamos nós, alegres, Flora,  
Como um casal de pombos namorados,  
Nós dois somente pelo campo afóra...  
Os ninhos despertar pelos ramados.

O matagal para te vêr se enflora...  
Os ninhos soltam threnos estudados,  
E a essa festa a carinhosa aurora  
Envia ao campo uns osculos dourados.

Almoçaremos sob os bastos ramos  
Que atiram para a estrada os arvoredos,  
E sobre a relva dos caminbos. Vamos!

O passarêdo alegre nos espera...  
A meiga aurora com os rósados dedos  
Nos abre a porta azul da primavera!

Maranhão Sobrinho.

## NOTICIAS

Ao Brejo regressou no dia 4 o nosso intelligente amigo capitão Duges de Araujo Lima que veio a esta capital em busca de sortiment para o seu acreditado estabelecimento commercial.

Durante os dias que aqui estive, o nosso amigo visitou constantemente o escriptorio da *Actualidade*, entreteudo-nos, assim, com a sua agradável conversação.

Levou elle uma profusão de fazendas e miudezas, objectos de luxo e quinquilharia, tudo comprado nas principaes casas commerciaes da nossa praça.

Da Parnahyba chegou no dia 30 do mez passado o nosso sympathico amigo Francisco Borges que veio a esta cidade a negocios particulares.

Cumprimentamol-o.

Do Icatú deve chegar depois de amanhã o nosso illustrado collaborador Bernardo Santos, que por mais de uma vez tem honrado as columnas do nosso periodico com as suas correctas producções.

Aqui o esperamos de braços abertos.

Por cartas particulares sabemos que o rio Parnahyba—limite entre os Estados do Maranhão e Piahy, acha actualmente quasi secco, dificultando assim a descida e subidas dos vapores da Companhia Fluvial Piahyense.

Está entre nós, vindo do Itapecurú, em cuja repartição telegraphica é empregado, o nosso distincto amigo Joaquim Pedro dos Santos, filho do sr. Adriano Pedro dos Santos.

As nossas boas vindas.

Terminou hontem a festa de N. S. dos Remedios, deixando saudades em muitos corações.

Essa festividade que ha dez annos não era celebrada devido á demorada reconstrução da ermida, o foi este anno com a devida pompa ao que muito contribuíram os esforços da comissão central e das encarregadas de promoverem os festejos de cada noite.

O nosso amigo Luiz Carvalho, um dos directores desta folha, pretende em breve publicar um livro de poesias, intitulado *Ambula*, cujo prefacio está sendo feito pelo illustrado maranhense Antonio Lobo.

Neste periodico e em alguns jornaes dest capital o intelligente poeta tem publicad muitos dos seus sonetos e, portanto, o seu nome já não é inteiramente desconhecido pelo menos do publico maranhense.

A *Ambula* auguramos um destino feliz.

No dia 8 completou mais um anno de existencia o nosso bom amigo Raymundo Costa Fernandes Filho, irmão do nosso companheiro de trabalho Henrique Fernandes Parabens.

Entre nós, vindo do Piahy, acha illustrado dr. Tiberio Burlamaque, medico do 35.º batalhão de infantaria.

O dr. Tiberio está hospedado no andar superior do consistorio de São João.

Temos recebido:

«A Ave Maria», da Bahia  
«Leitura» Religiosas», da Bahia  
«O Direito», de Pindamonhagaba  
«A Lyra», de Rezende  
«A Imprensa», da Parnahyba  
«O Amazonas de Manaus»  
«O Piahyense, da Parnahyba  
«O Girasol», da Parnahyba  
«O Jornal de Caxias», de Caxias  
«A Panoplia», desta Capital  
«O Norte», da Barra do Corda  
«Os Novos», desta Capital  
«Republica», de Therezina.

Agradecendo a todos as suas constantes visitas, promettemos retribuirl-as com o nosso pequeno periodico.

## Pedido Justo

Ainda uma vez rogamos aos assignar do nosso periodico, que se acham em atraso do pagamento das suas assignaturas, o sequio de satisfazel-o o mais breve possível, a fim de que não haja interrupção remessa d'*Actualidade*.

Maranhão.—Typographia de Antonio Moreira Ramos d'Almeida & C.ª Succes